

Antropólogo é sonhador da política brasileira

Ele defende projetos oníricos de geração de empregos e sua opinião sobre o governo Fernando Henrique Cardoso é crítica: "Estão matando o povo de desemprego e de fome"

ROBERTA JANSEN

RIO — Nascido em 26 de outubro do histórico ano de 1922, Darcy Ribeiro costuma dizer que não veio ao mundo sozinho. "Trouxe comigo para o Brasil o Partido Comunista, a Semana de Arte Moderna e até o rei Alberto da Bélgica: vim com um pacote completo", afirma, referindo-se aos fatos marcantes daquele ano. Costuma dizer também que veio ao mundo ao trabalho. As brincadeiras do senador não deixam de ter uma pontinha de verdade. Testemunha ocular dos mais importantes fatos da história do Brasil, Darcy fez parte de dois governos (o de Juscelino Kubitschek e o de João Goulart), além de ter trabalhado com o presidente deposto Salvador Allende, do Chile.

Com a eleição de JK para a Presidência da República, em 1955, Darcy foi convidado, juntamente com o educador Anísio Teixeira, a elaborar as diretrizes para o setor educacional do governo. Posteriormente, participou do governo de João Goulart (1961-1964), como ministro da Educação e chefe da Casa Civil, para auxiliá-lo a fazer as reformas de base. "Foi aquele desastre", lembra. Com o golpe militar de 1964, Darcy teve de deixar o País. Sua lembrança mais marcante desta época é a recepção que teve do então presidente do Chile, Salvador Allende (deposto por um golpe militar em 1973), que o convidou para ser assessor na chefia do governo. "O Jango você derrubou, mas não conseguirá me derrubar", teria dito Allende para o antropólogo, assim que o viu.

Darcy Ribeiro voltou definitivamente ao Brasil em 1978. Articulou, ao lado de Leonel Brizola, a criação do PDT. Em 1982, elegeu-se vice-governador do Rio, na chapa de Leonel Brizola (PDT-RJ). Em 1986, foi derrotado por Wellington Moreira Franco (PSDB) para governador do Rio. Foi eleito para o Senado em 1990.

Apesar dos anos de política, Darcy continua o mesmo sonhador de sempre. Defende projetos oníricos de geração de emprego, como a plantação de árvores frutíferas nas estradas e luta pela aprovação de uma lei que obrigue os produtores de cola de sapateiro a acrescentarem à mistura uma substância fétida. "Para os meninos não se viciarem", justifica. Quando o assunto é o governo Fernando Henrique Cardoso, entretanto, Darcy é bastante duro: "Estão matando o povo de desemprego e de fome."

★ **Estado — O que o senhor está achando do governo de Fernando Henrique?**

Darcy Ribeiro — O mais grave problema brasileiro é o desemprego. Ele está na base da criminalidade, da delinquência, da prostituição. Essas milhares de p... com menos de 13 anos não são p... vocacionais. É o desemprego em casa. São milhões e milhões de famílias que não têm o que comer. E o governo é tão doido que arruma montanhas de dinheiro para dar para banqueiros safados e ladrões para salvar os bancos que eles mesmos deixaram falir e não faz nada no sentido de garantir a coisa de que o Brasil mais precisa, que é emprego. O preço de ter uma moeda — finalmente temos — e de combater a inflação é alto demais. Estão matando o povo brasileiro. Matando de desemprego e matando de fome. E eu fico pensando, no Nordeste, quando tem seca muito forte, fazem frentes de trabalho. Por que Fernando não pensa em fazer frentes? Fica só a Ruth, com o Betinho, pedindo um dinheirinho para pôr uma comidinha na boca de um e de outro. É muito bom que façam isso porque fome mata e tem muita gente com fome. Mas é preciso dar emprego, trabalho.

Estado — Como seriam essas frentes?

Darcy — Por exemplo, um plano que eu tinha aqui para o Rio era começar a contratar a juventude da favela aos casais (nesse momento, Darcy faz uma expressão marota e pisca um olho) para plantar árvores frutíferas ao longo

de todas as estradas do Rio. Podemos pagar até meio salário mínimo ou um salário mínimo para o menino e a menina. E eles vão namorar, amar e plantar árvores. Precisa inventar coisas dessas para ocupar o povo, não condenar o menino a se vender à droga, aos traficantes. A mortalidade de pessoas com menos de 25 anos no Brasil é maior do que a das guerras. Isso porque o emprego que tem é o tráfico, em que a sobrevivência é muito curta. Fico horrorizado com esse governo do Fernando Henrique. Tão sociológico, tão inteligente, tão simpático, tão bonitão — faz até inveja na gente, né? — sendo regido por tecnocratas de cabeça feita lá fora, filhotes da Thatcher. Fizeram a besteira de abrir a importação e com isso exportaram emprego aos milhões para fora. Uma coisa muito doida.

Estado — Diante desse quadro, o senhor não acha que a esquerda está meio perdida, sem um projeto político?

Darcy — A esquerda foi estuprada. O Partido Comunista se arrebitou com aquele imbecil do Gorbachev. Aliás, estou achando o Fernando muito parecido com o Gorbachev. O Gorbachev acabou com a Rússia e o Fernando está querendo acabar com o Brasil. O Fernando está parecendo com o Gorbachev e com o Dutra, aplicando um tipo de política liberal doida que não cabe nesse País. Mas eu fico pensando no Gorbachev, naquela besta que ele era com a perestroika dele. Ele pegou uma das grandes potências do mundo e esculhambou, estuprou, acabou com tudo. O comunismo, em função disso, se quebrou por lá. E se quebrou por uma razão concreta. Quando caiu o Muro de Berlim, ficou evidente para todos que não iria mais haver a guerra do fim do mundo. E toda a indústria trabalhava para isso. Com isso, a União Soviética teve de abrir mão da pressão externa que fazia e acabou abrindo mão dos controles internos. Os Estados Unidos enfrentam o mesmo problema. São o país mais endividado do mundo, com uma indústria bélica tremenda. E desnecessária porque

não vão usar as bombas e armas químicas que estão produzindo. Os Estados Unidos são capazes de matar o mundo, por exemplo, só com gás para cagar. Ou gás de rir (*Darcy imita o riso de um suposto condenado à morte por esse método*). Tem toneladas de coisas que não vão usar. Mas a economia deles é tão forte que não dá bola para nada. A Europa passa pelo mesmo problema. O mundo está condenado à paz. Mas por que eu estava falando tudo isso?

Estado — Eu perguntei ao senhor se a esquerda brasileira não andava meio sem projeto político...

Darcy — Você me levou por cada caminho... Bom, há no Brasil uma esquerda que é representada pelos que não estão contentes com o País tal qual é. E há uma direita que está contente com o País tal qual é, que crê que continuando por esse caminho vai dar tudo certo, que vão ganhar mais dinheiro. A religião é o lucro. Hospital para dar lucro, escola para dar lucro e as empresas que também só visam o lucro. Então há duas correntes: esquerda são vários partidos brigões uns com os outros, meio desentendidos, mas que estão descontentes com o Brasil tal qual é. E direita é quem está contente com o Brasil tal qual é. De vez em quando há uns transfugas: Fernando era nosso, passou para o lado do pefelê. Foi um prejuízo, queremos recuperá-lo.

Estado — Como o senhor está analisando o problema dos sem-terra?

Darcy — É uma guerra inverossímil: é uma guerra de milhões de pessoas que querem um pedacinho de terra — os que estão no campo e os que foram expulsos de lá e estão na periferia das cidades — contra cerca de 22, 25 mil proprietários de grandes áreas que não plantam nem deixam plantar. Por isso, o Juruna, que é um homem inteligente, um dia me perguntou quem tinha inventado o



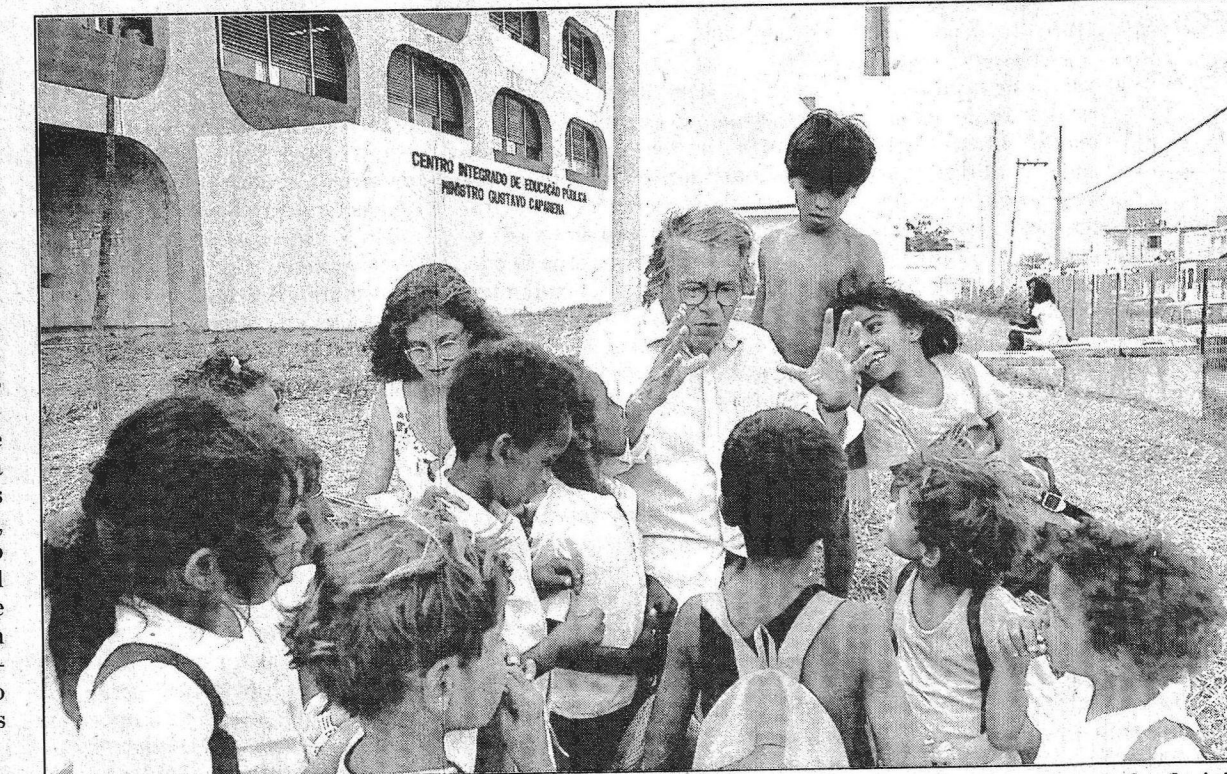
Como ministro da Educação de João Goulart: recebendo plano para o setor do professor Deolindo Couto



Na posse como chefe da Casa Civil de Jango, em junho de 1963: substituição de Evandro Lins e Silva



Com políticos da bancada do PDT e Leonel Brizola: "Ele é a melhor cabeça política brasileira"



Em Ciep, no Rio de Janeiro, com crianças: "Com educação, o Brasil muda de cara, muda de jeito"

papel. Não entendi a pergunta e ele explicou: "A gente está lá, chega um com papel e diz que é dono da terra." E é. Então quem inventou o papel? Uma canalha que há séculos se apossou das terras, monopolizou para explorar. Fernando Henrique não pode, evidentemente, atender os milhões de sem-terra comprando a preço justo em dinheiro o que o latifundiário quer pela terra dele. Tem de encontrar uma fórmula de deixar

claro o seguinte: esses latifundiários todos receberam terras públicas para usar e empregar gente; quando não usam, têm de ficar apenas com a parcela que usam. Ou talvez com quatro ou cinco vezes mais do que usam. Mas o que não usam é de domínio público, para ser um fundo de colonização. A gente da favela teria uma perspectiva de vida. Isso tem de ser feito. É o interesse de milhões contra o de 22 mil.

Estado — O senhor acha que Fernando Henrique Cardoso vai conseguir fazer isso?

Darcy — Fernando não vai fazer coisa nenhuma. O Fernando fez um projeto de reforma agrária pagando em dinheiro. E é claro que o movimento que o Brasil verá nos próximos anos é dos sem-terra. Com que cara o governo e o Congresso vão continuar apoiando os latifundiários? Aqui há três alternativas possí-

veis: A primeira é mudar a lei, criando um fundo de colonização. Segundo a solução: pedir ao Exército que repita a façanha de Canudos e do Contestado, sair matando gente. Mas o Exército tem menos gente que os sem-terra e não é besta de enfrentar essa briga. A terceira hipótese é não fazer nada: os sem-terra vão tomar as fazendas dos fazendeiros e levar tudo de roldão. Vai ser uma anarquia geral no Brasil.

Estado — Como anda a Lei de Diretrizes e Bases?

Darcy — O substitutivo da Lei de Diretrizes e Bases é uma síntese da discussão que já dura oito anos. Não é um substitutivo Darcy Ribeiro. É para compor uma lei enxuta, mas uma lei descontente com a educação, uma lei de transformação do ensino primário, do ensino médio, do ensino superior. No dia em que toda criança chegar até a quinta série primária, o Brasil muda de cara, muda de jeito.

Estado — A que outros projetos o senhor vem se dedicando?

Darcy — São três. Um é uma lei do trânsito. O Brasil é o país que mais mata gente na rua. Já ouviu falar de alguém que foi para a prisão porque matou alguém no trânsito? Aqui não acontece nada. Então precisamos de uma lei pedagógica. A lei que proponho é a seguinte: as estradas, as ruas pertencem aos pedestres e é consentido seu uso para o veículo com duas condições. Se matar alguém, perde o carro e a carteira — tem de perder o carro como o assassino perde o revólver, porque a carteira ele compra uma falsa. Se atropelar alguém e não der socorro a mesma coisa. Acabaria com irresponsabilidade do motorista, é uma lei civilizatória, uma lei boa do Darcy. A outra lei, que também está em discussão, é a seguinte: a legislação atual é tão doida, que se você quiser doar algum órgão depois de morta, tem de ir ao cartório, o que é uma estupidez. Minha lei é o contrário, quem não quiser doar vai ao cartório, e diz no meu corpo ninguém toca. O judeu tem esse problema. O corpo tem de apodrecer inteiro para ele poder reencarnar. Então ele vai ao cartório e fica com a carterinha no bolso: meu corpo não é para salvar ninguém. Milhares de pessoas estão na fila esperando órgãos. É uma lei boa.

Estado — Essa lei não poderia, estimular o tráfico de órgãos ou até mesmo aumentar o número de mortes nos hospitais?

Darcy — Pode, tudo é perigoso. Mas tem alguns cuidados. Só pode ser feito em hospitais públicos ou credenciados. Haverá penas severas para quem traficar. Mas hoje é, pior, hoje tem tráfico de órgãos. Minha lei corrigiria isso e sobretudo salvaria milhares de vida. É uma lei boa. A terceira lei boa do Darcy é a seguinte: Darcy gosta de criança e está horrorizado com a quantidade de criança cheirando cola de sapateiro. A culpa é dos fabricantes de cola, que fabricam uma cola irresistível. O guri cheirou uma vez, vicia. Nunca mais quer parar de cheirar. Então, minha idéia é obrigar a canalha a colocar uma substância fétida na cola para o guri não querer cheirar.

Estado — O senhor acha que o socialismo acabou?

Darcy — Que nada. Enquanto houver trabalho e capital os dois vão estar brigando. O capital sem trabalho está f... O trabalho sem capital está f... também. Têm de coexistir. E sempre vai haver gente, com pendor capitalista e gente com pendor socialista, que são aqueles como eu, sectariamente pró-assalariado. Eu não gosto de patrão em princípio.

Estado — E o PDT, como anda?

Darcy — Estive há pouco num encontro do partido. O Brizola sempre me encanta. É a melhor cabeça política brasileira. O pessoal tem preconceito contra ele e é natural porque a mídia é contra ele, há 40 anos. O pessoal tem medo dele porque o Brizola é como eu, veio ao mundo a serviço. Se ele chega ao poder ele faz coisas. É um dos homens mais competentes para falar sobre os problemas brasileiros.

Estado — Já começaram as conversas para as eleições municipais?

Darcy — Não, estamos discutindo a lei interna do partido. Se ficar ruim eu saio. Quanto às eleições, a tendência do Brizola e do PDT é fazer a união com as esquerdas, com todo mundo que queira abrir perspectivas novas para sair dessa tripla pela qual está trotando o Fernando Henrique, que está matando o povo de fome.